



PRECURSOR PÁRA-QUEDISTA

Urano T. da Matta Bacellar

Capitão de Infantaria, Instrutor do Curso de Precursor Pára-quedista, do Centro de Instrução "General Penha Brasil", na Brigada Pára-quedista.

"UMA EQUIPE DEDICADA À TAREFA DE PRECEDER, GUIAR E LIDERAR"

"Uma operação aero-terrestre nasce e cresce no campo da batalha como se fora um edifício imenso; seus tijolos são vidas, vidas de bravos... e sua base, a massa granítica do trabalho divino da equipe que nos precede, a EQUIPE DE PRECURSORES. Após muito tempo no comando da 82ª Divisão Aeroterrestre, aprendi a amar e respeitar o trabalho daqueles homens que a todo instante oferecem suas próprias vidas em holocausto à segurança de milhares de pára-quedistas."

GEN MATTHEW B. RIDGWAY (USA)

As operações conjuntas Exército — Força Aérea Brasileira, com a envergadura compatível aos nossos meios aéreos e terrestres, contam praticamente trinta anos de atividades na Brigada Pára-quedista, remontando a pouco tempo após a criação da Escola de Pára-quedistas, em 1945. Isto corresponde a mais de 600.000 saltos de pessoal realizados de bordo das aeronaves da FAB, sem que os acidentes fatais ocorridos — menos de 0,003% — se devessem a erros ou impropriedades na forma, processo ou local escolhidos para o lançamento da tropa, apesar dos mínimos erros que possam ser atribuídos a fatores humanos.

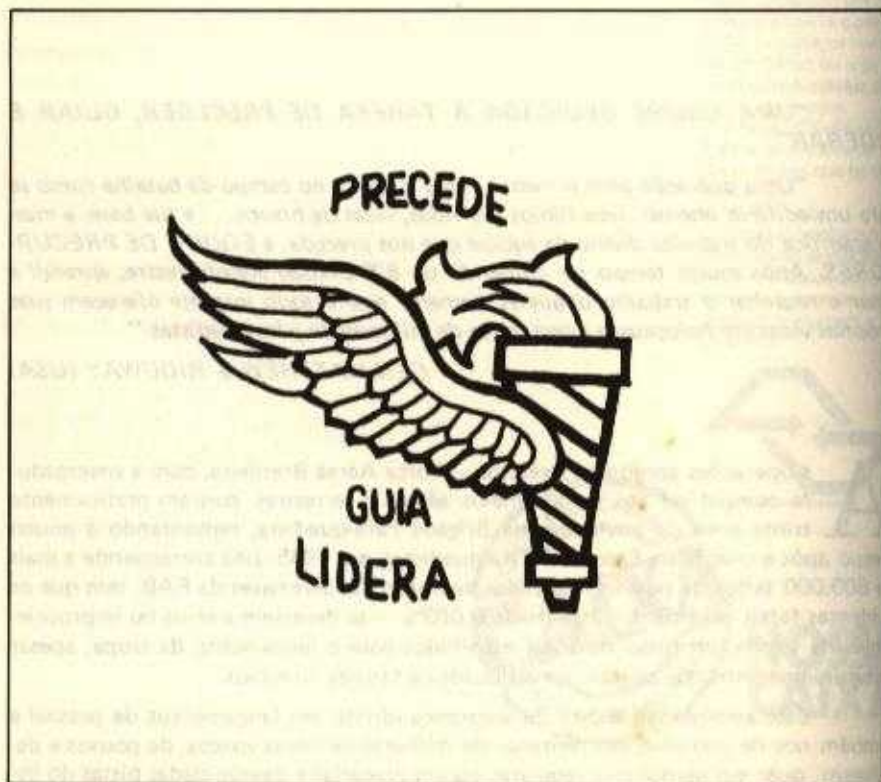
Este assombroso índice de segurança obtido em lançamentos de pessoal e também nos de material, em centenas de milhares de horas voadas, de pousos e decolagens, quer em aeroportos regulares ou em precárias e desequipadas pistas do in-

terior de todos os estados do Brasil, se deve à seriedade operacional das forças terrestres e aéreas, à perícia de pára-quedistas e pilotos, mas, também ao trabalho contínuo, firme e dedicado das suas equipes precursoras.

Essas equipes, com o poderoso amálgama de seu profissionalismo e dedicação à operação a ser realizada, tem se constituído no principal traço de união entre a FAB e a Brigada Pára-quedista, nas operações de lançamento, aerotransporte, embarque e desembarque de tropas e na tomada do destino certo para a missão a ser realizada.

Conhecendo as operações de sua força singular e também a forma de atuar, as necessidades e as limitações das aeronaves e falando com desembaraço o jargão dos pilotos e mecânicos, os Precursores têm sido o principal elo terrestre capaz de levar a bom termo e em perfeita segurança as operações aeroterrestres e aeromóveis.

Para isso um longo caminho tem sido percorrido desde que, na então Escola de Pára-quedistas, decidiu-se assimilar as técnicas empregadas pelas unidades "Pathfinder do Exército dos EUA e formar os nossos Precursores.



RESUMO HISTÓRICO

Para situarmos o momento em que passamos a utilizar técnicas precursoras no Brasil é necessário dizer algumas palavras sobre como surgiu esta atividade.

Nos primeiros meses da 2ª Guerra Mundial, após a queda da França, os ingleses necessitaram de auxílio à orientação de seus bombardeiros para atacar, com precisão, alvos selecionados. Treinaram, então, alguns elementos em comunicação a longa distância e terra-avião e os infiltravam em território inimigo para guiar os aviões aos alvos balizados, muitas vezes, apenas por archotes acesos na noite.

Com o aperfeiçoamento dos visores de bombardeio e dos métodos utilizados os balizadores foram sendo abandonados. No entanto, nos desembarques aliados no Norte da África e Sicília, apesar dos resultados obtidos, houve vários fracassos no emprego de tropas aeroterrestres, devido às grandes dispersões e erros de navegação a que estavam sujeitas as aeronaves de transporte, para o lançamento das unidades pára-quedistas e planadoristas americanas e inglesas.

Sentiram, então, os comandantes a necessidade de auxílio à orientação dos pilotos para as zonas de lançamento e na reorganização dos elementos que saltavam, desembarcavam dos planadores ou mesmo para o pouso dos aviões. Os balizadores de alvos foram então lembrados, não se sabe bem por quem, mas o fato é que passaram a utilizar sua experiência já adquirida, transformando suas técnicas e equipamentos para que pudessem, precedendo as tropas, guiar as aeronaves para os locais desejados e auxiliar a reorganização das mesmas no solo. No final da guerra já existiam unidades especialmente treinadas e equipadas para tal fim, os Destacamentos Precursores, em todos os principais exércitos vencedores.

Nos primórdios das atividades da Escola de Pára-quedistas no Brasil os lançamentos eram feitos com uma equipe que se deslocava por terra, sob a chefia de um Mestre de Salto, para estabelecer o ponto de lançamento no solo, o conhecido "T", e proporcionar segurança para o salto.

Em 1948 o então 1º Tenente de Engenharia, Celso Nathan Guaraná de Barros foi enviado aos EUA para freqüentar, em Fort Benning, o curso de "Pathfinder" e em 1951 foi realizado o primeiro curso de precursor no Brasil, sendo formados seis percursoros, três oficiais e três sargentos.

Em 21 de fevereiro de 1951 entrou em vigor um quadro de organização da Escola de Pára-quedistas Precursor, pertencendo à Companhia de Comando do Grupamento Escola Pára-quedista, constituído de um grupo de comando a dois homens e dois grupos de precursoros a quatro homens. Estavam previstos, então, três sargentos e sete cabos, apenas onze homens ao todo, efetivo este, ainda a ser formado e treinado.

Com a criação do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, o Pel Pqdt Prec, veio a ser enquadrado pela Cia. do Quartel General, a partir de 1953, já agora com os grupos compostos por treze homens, conforme a doutrina norte-americana então utilizada.

O curso de precursor ficou a cargo do Centro de Instrução Especializada e constituído de dois oficiais instrutores e dois sargentos monitores. Na época, existiam apenas sete precursores formados.

Posteriormente o Pel Pqdt Prec foi transformado no Destacamento Precursor, passando a constituir-se em unidade independente, subordinada ao QG do Núcleo da Divisão e, atualmente, da Brigada Pára-quadista.

Muito pouco tempo após a implantação, pelo então Cap Inf Roberto de Pessoa, do páraquedismo militar no Brasil, os precursores nascidos por imposição da técnica e da necessidade operacional, para o emprego de unidades aeroterrestres, constituíram-se, pelos aspectos de sua formação, em elementos altamente treinados, com acentuado espírito de equipe e intensa dedicação às missões recebidas.

Data dessa época verdadeiramente heróica um registro que não pode ser esquecido: o das atividades de busca e salvamento, abertura de campos de pouso em plena amazônia inexplorada, cooperando mais uma vez com a FAB, já que inexistia o Pára-Sar. Missões que fizeram voltar à tona a saga dos balizadores de alvos, constituindo-se, na realidade, em capítulo à parte, ainda por ser escrito, mas bem presente na memória dos que dela participaram, muitos ainda em serviço na Bda Pqdt.

O emprego dos precursores nas mais variadas missões, do Exército ou em cooperação com a FAB, é o testemunho vivo da vasta gama de conhecimentos que são necessários às suas atividades principais nas operações conjuntas com a força aérea, pelo tipo de formação e treinamento que são ministrados aos seus elementos, tornando múltipla sua capacidade operacional.





FORMAÇÃO

Para o cumprimento das missões atribuídas aos precursores o Manual Técnico T 57-260, Precursor Aeroterrestre, define: "Este pessoal é selecionado entre os elementos combatentes e treinado a fim de somar os seus conhecimentos básicos outros que permitam, além dos deveres principais, estabelecer e operar meios auxiliares à navegação aérea e à reorganização de pessoal e material lançado de pára-quadras ou desembarcado". O veículo deste objetivo é o Curso de Precursor Pára-quedaista, ministrado pelo Centro de Instrução Pára-quedaista General Penha Brasil, que visa habilitar oficiais e sargentos pára-quedaistas a:

- Assessorar o Comando no emprego de precursores
- Operar Zona de Lançamento (ZL)
- Operar Zona de Pouso para Aviões (ZP)
- Operar Zona de Pouso para Helicópteros (ZPH)
- Auxiliar na reorganização da tropa
- Auxiliar a navegação aérea
- Realizar ligação com a Força Aérea em operações de zonas
- Cooperar no lançamento de material pesado (PLA)

Atualmente o curso desenvolve-se com a duração de 24 semanas, podendo candidatar-se a ele oficiais e sargentos servindo na Bda Pqdt possuidores do Curso de Mestre de Salto, em regime de voluntariado.

De acordo com a evolução das técnicas operacionais, as equipes precursoras destinadas a operar zonas de lançamento ou de pouso, só poderão alcançar essas zonas, em território inimigo, através de processos de infiltração. Tendo em vista esta necessidade, desde cedo procurou-se treinar os precursores em perfeitas técnicas de infiltração.

Nos primeiros cursos os conhecimentos ligados diretamente a infiltração e instrução básica do combatente constituíram uma fase básica, que àquela época, era comum ao Curso de Precursor e ao Curso de Operações Especiais. Mais tarde surgiu o Curso de Comandos, envolvendo os assuntos da primeira fase, sendo esta abolida do Curso de Precursor. Àquela época, por determinação do Comando da Bda Pqdt, só poderiam candidatar-se ao Curso de Precursor oficiais e sargentos possuidores do Curso de Comandos, com a passagem deste para o âmbito do Centro de Operações na Selva e Ação de Comandos (COSAC) e da necessidade de formar precursores com a soma de conhecimentos adequados, voltou-se à situação inicial, incorporando-se uma fase básica em que é dado ênfase às técnicas de infiltração a par da manutenção da instrução básica do combatente.

Este estágio inicial compõe-se dos assuntos: patrulhas, armamento e tiro, explosivos e destruições, montanhismo, orientação, topografia, comunicações, chefia e liderança, infiltração e treinamento físico.

Fruto de uma série de posições e fatos que regulamentaram, criaram e extinguíram currículos, o Curso de Precursor sofreu várias evoluções, tendo, no en-

tanto, se firmado o conceito das necessidades em termos de técnicas operacionais, ao cumprimento de suas missões.

O salto livre, em seus primórdios na Bda Pqdt, pertenceu ao currículo do curso, mas se encontra hoje, sob regulamentação específica, constituindo-se, entretanto, em um veículo útil ao cumprimento das Missões específicas das equipes precursoras, como meio de infiltração, através da execução do Salto Livre Operacional (SLOP), que vem sendo realizado, apesar da maior demanda de tempo até que um elemento recém formado precursor atinja todos os estágios dessas especializações.

O currículo que cumpre os objetivos principais da formação dos precursores vem se mantendo coerente às habilitações necessárias, constituindo-se numa gama muito ampla de conhecimentos que envolvem os aspectos terrestres das operações: Topografia, Foto-Informações, Comunicações Radiotelefônicas e telegráficas, Organização e Emprego dos Precursores e Operações de Zonas; e os aspectos ligados às operações aéreas, como: Meteorologia, Proteção ao Vôo, Navegação Aérea, Lançamento sem ponto materializado no terreno e Ponto de Lançamento no Ar.

Para cumprir um espectro tão complexo de habilitações, conta o curso, além da experiência dos precursores em atividades na Brigada Pára-quadista, com a cooperação de outros estabelecimentos de ensino do Exército, como a EsAO, a Escom e a EsLE, e, fazendo parte do processo de integração com a Força Aérea, são ministrados estágios pelo 1º Grupo de Transporte de Tropa, da V FATA, no Campo dos Afonsos e pela Seção de Instrução do Serviço Regional de Proteção ao Vôo, no Aeroporto Santos Dumont.

Para tornar operacionais as Equipes do Destacamento Precursor, é ministrado aos cabos e soldados engajados, que se destinam ao mesmo, o Treinamento Específico de Auxiliar de Precursor, a fim de torná-los aptos a operar no âmbito de suas equipes, percorrendo, a seu nível, os assuntos relativos à infiltração das equipes e trabalho peculiar às operações de zonas. Este treinamento é planejado e executado pelo Destacamento para suprir as suas necessidades e manter elementos na OOMM Pqdt, como reserva adicional de pessoal, sendo supervisionado pela 3ª Seção da GU Pqdt.

Durante toda a formação e treinamento dos precursores e seus auxiliares, a principal habilidade procurada e desenvolvida, além das técnicas operacionais, é a flexibilidade nos planejamentos e procedimentos a executar, para que venham a ajustar-se à rapidez da evolução das situações nas operações aéreas, sempre a exigir uma constante reavaliação das condições, seja na condução das aeronaves aos locais desejados ou na alteração dos planos táticos, exigindo contínuo estabelecimento de alternativas que conduzam ao melhor cumprimento da missão.

Os precursores formados, quando não estão em serviço no Destacamento Precursor, mas classificados nas OOMM Pqdt, participam das missões de lançamento para adestramento da tropa ou são requisitados para compor as equipes nas manobras ou outras missões que assim o exijam, como uma forma de manter atualizados seus conhecimentos e possibilidade de emprego.

ORGANIZAÇÃO, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

A unidade que enquadra os nossos precursores, para emprego operacional, é o Destacamento Precursor, orgânico da Bda Pqdt, as frações que o constituem e são empregadas normalmente, são as Equipes, compostas por dezoito homens, um primeiro tenente, seis sargentos, cinco cabos e seis soldados.

A equipe tem capacidade para operar uma zona de lançamento ou zona de pouso de assalto para aviões ou helicópteros, podendo ser reforçada ou reduzida de acordo com as peculiaridades da missão, efetivo a ser lançado ou desembarcado, número de aeronaves, condições, localização e número das ZL, situação do inimigo, etc. Seja qual for a missão atribuída, a principal característica será sempre o trabalho em equipe, pois tendo em vista as condições da operação que se estiver desenvolvendo, da infiltração realizada e das condições da equipe na chegada à área de operações; as funções de um determinado elemento poderão ter que ser acumuladas ou divididas por outros, sendo, para isso, especificamente treinados os oficiais, sargentos precursores e seus cabos auxiliares.

Na instalação e operação de uma zona de lançamento para unidades pára-quadistas as principais funções a serem desempenhadas pelos membros da equipe serão as de: Operador da Rede Terra-avião, que manterá contato com as aeronaves, as orientará para a zona de lançamento, instalará os meios auxiliares visuais de identificação da ZL, transmitirá as instruções finais e comandará o lançamento, pelo rádio ou através de sinalização; o Operador da Rede Terrestre manterá, durante toda a operação, a ligação entre os diversos setores da ZL e poderá iniciar o contato entre o chefe da equipe e os primeiros elementos da tropa durante a reorganização; o Operador da Rede de Longo Alcance estabelecerá e manterá o contato em caráter permanente e contínuo com a base de operações; o Meteorologista fará a observação à superfície e confeccionará os boletins meteorológicos necessários à transmissão às bases e às aeronaves; o Operador de Meios Auxiliares Eletrônicos a Navegação Aérea executará a instalação e operação de radares portáteis, rádio-faróis e outros meios disponíveis; o Chefe da Reorganização instalará, operará os meios auxiliares visuais, sonoros ou eletrônicos a reorganização da tropa e a coordenará encaminhando frações ou extraviados a seus locais de reunião, mantendo ligação entre os comandantes da tropa e chefe da equipe precursora, se necessário.

Nas operações de zona de pouso para aviões ou helicópteros existirão basicamente as mesmas funções, adequadas à peculiaridade de cada operação, como por exemplo: o centro de controle, que operará como uma torre de aeródromo; as turmas de balizamento e estacionamento, que farão o balizamento das pistas e operação o estacionamento das aeronaves, o embarque e o desembarque das tropas, respectivamente; nas zonas de pouso para helicópteros, operarão os locais ou pontos de aterragem e sinalização, além da reorganização da tropa.

Para essas missões as possibilidades atribuídas ao Destacamento Precursor da Bda Pqdt são:

- Realizar o auxílio à navegação aérea nos lançamentos de pessoal e material ou nos pousos e decolagens de aeronaves.
- Auxiliar a reorganização da tropa, após os lançamentos.
- Proporcionar, quando reforçado, a segurança inicial das zonas de lançamento ou pouso.
- Estabelecer e manter, em bases permanentes, a ligação com as Bases Aéreas.
- Trabalhar em benefício das Unidades Aéreas de transporte de Tropa.

O pequeno efetivo das equipes e sua capacidade limitada de conduzir equipamento, faz com que seu emprego e processo de infiltração sejam cuidadosamente planejados e destinados primordialmente à tarefa de guiar as aeronaves para as zonas de lançamento ou pouso e marcar os locais de reorganização. Caso seja necessário prover segurança, remover grande quantidade de obstáculos, recolher material lançado, fazer extensos reconhecimentos, sinalizar muitos pontos de reorganização (mais de 4 ou 5), operar rede rádio muito extensa, ou fazer reconhecimento QBR a equipe terá de ser reforçada. Neste caso o terreno, o processo de infiltração e a situação do inimigo poderão trazer graves limitações.

Quando for necessário utilizar mais de uma zona de lançamento ou de pouso, outras equipes, sempre com o menor efetivo possível, terão de ser desdobradas para cada zona a ser utilizada.

Durante a operação de zonas de pouso para aviões os precursores não serão controladores de tráfego aéreo, como em aeródromos regulares, muito embora noções disso lhes tenham sido ministradas no curso de precursor, mas visam, apenas, estar capacitados a controlar, com segurança, os pousos de assalto ou decolagens em pistas avançadas, em aeródromos civis ou militares capturados, até que elementos da Força Aérea possam assumir essas funções em caráter permanente, se isto fizer parte dos planos do escalão superior.

A operação de zonas de pouso para helicópteros é um assunto que até hoje não chegou a ser completamente desenvolvido, em nosso país, tendo em vista, principalmente, os meios aéreos disponíveis, no entanto, os precursores têm os conhecimentos e o treinamento necessários para operar uma zona de pouso para uma força helitransportada, maior que a seção de helicópteros (duas aeronaves), normalmente utilizados na instrução elementar da tropa.

O equipamento a ser transportado constitui-se numa séria limitação em combate, principalmente o material de comunicações que é um ponto vital em qualquer operação precursora. O rádio terá de ser extensamente utilizado, o material em uso que mais se presta a essas operações são: O EB11/ERC-110, para as redes terrestres; o EB11/ERC-130, para a rede terra-avião e o EB11/ERC-191, para longa distância, devida ao seu peso, volume, fonte de alimentação e modulação.

O equipamento individual de nylon, que está em uso, veio preencher uma importante lacuna quanto a possibilidade do homem conduzir seu material com

economia de peso, menos desgaste físico e do próprio material, principalmente porque, na maioria dos casos, em uma infiltração, a equipe só contará com seus próprios meios para percorrer grandes distâncias a pé.

CONCLUSÃO

— Como um resumo do trabalho desenvolvido até hoje pelos precursores avulta sempre o nível de cooperação conseguido entre a Bda Pqdt e a FAB.

Nas manobras realizadas, nos exercícios efetuados pelas diversas unidades da Bda e nos cursos, um aspecto tem ficado bem patente: mesmo a existência de modernos equipamentos eletrônicos de auxílio à navegação aérea, o emprego de tropas aeroterrestres não pode prescindir do trabalho de equipes precursoras para que um lançamento de pára-quadistas ou um pouso de helicópteros de assalto seja feito no local exato, com segurança e com o mínimo de dispersão e conseqüente economia de tempo para a reorganização da tropa.

Devido aos conhecimentos que são portadores os elementos precursores e a experiência adquirida nas atividades cotidianas, eles podem servir como consultores e assessores a todos os comandos de GU e unidades não pára-quadistas do Exército, nas operações que envolvam unidades aéreas, seja treinando ou assessorando o emprego de frações aerotransportadas, seja treinando ou auxiliando a instrução da tropa para operações helitransportadas.

De acordo com a doutrina atual o Destacamento Precursor é orgânico da Bda Pqdt, sendo treinado e equipado para unir à operação terrestre a da Força Aérea, o que vem realizando de forma esplêndida por 27 anos.

Devido à sua missão e efetivo atuais, o Destacamento Precursor não pode ser empenhado em proveito de unidades não pára-quadistas, sem prejuízo de suas atuais funções. Mas em caso de necessidade operacional, se aumentado, pode contribuir com a experiência já adquirida, para que nas operações aeromóveis existam elementos do Exército com conhecimento suficiente das operações das aeronaves, suas características, possibilidades e limitações, para colocar no devido lugar as necessidades dos elementos empenhados, aumentando a rapidez e a eficácia das operações e evitando desgaste desnecessário à tropa.

Este trabalho não tem a pretensão de discutir doutrina ou criar polêmica, mas, principalmente, tem como objetivo trazer ao domínio de um número maior de companheiros o conhecimento da capacidade de operação dos elementos precursores, na intenção de que todos os soldados do ar, ao verem, no solo, homens de gorro vermelho, saibam que encontrarão informações e sinalização precisas, por estarem preocupados com a segurança do lançamento, do pouso ou da decolagem, e que os militares do Exército saibam com o que podem contar quando tiverem entre si elementos conduzindo como emblema a TOCHA ALADA.